

LINGUAGEM E FÉ NA PERSPECTIVA DE JEAN LADRIÈRE

LANGUAGE AND FAITH IN JEAN LADRIÈRE'S PERSPECTIVE

Carlos Henrique Machado de Paiva¹

RESUMO:

Linguagem e fé são dois elementos constitutivos da existência do ser humano. O filósofo Jean Ladrière busca articular linguagem e fé, partindo da sua adesão à concepção de linguagem como performativa e auto-implicativa e da palavra da fé cristã como um discurso diferenciado, tocado tanto pela compreensibilidade como pela incompreensibilidade. Sendo assim, a linguagem da fé se apresenta como uma linguagem marcada por acontecimentos, pela evocação do compromisso e do engajamento do crente em relação ao que proclama a fé e, ainda, por uma dimensão misteriosa, escatológica, repleta da esperança, da confiança do que ainda há de vir a se concretizar do que a fé anuncia. Uma abordagem desse tipo de linguagem lança desafios à reflexão filosófica, que só poderão ser enfrentados a partir de uma concepção específica da fé como dom e ratificação.

Palavras-chave: Linguagem. Fé cristã. Linguagem da fé.

ABSTRACT:

Language and faith are two constituent elements of the human being's existence. The philosopher Jean Ladrière looks for to articulate language and faith, leaving from his adhesion to the language conception as performative and self-implicative and of the word of the Cristian faith as a differentiated speech, touched so much by the comprehensibility as for the incomprehensibility. Thus, the language of the faith presents as a language marked by events, for the evocation of the commitment and of the believer's engagement in relation to that proclaims the faith and, still, for a mysterious dimension, eschatological, full of hope, of trust in what is yet to come to fruition than faith announces. An approach of that language type poses challenges to the philosophical reflection, which will only be able to faced starting from a specific conception of the faith as gift and ratification.

Keywords: Language. Christian faith. Language of faith.

A linguagem, dada sua importância e valor para a vida humana, constitui-se num problema filosófico sempre em pauta. Das mais diversas formas, o problema linguístico pode ser abordado. O presente estudo deseja compreender de que modo o filósofo Jean Ladrière² entende a linguagem e, mais particularmente, como a relaciona com a fé cristã. Deste autor

¹ Mestrando em Filosofia pela FAJE. E-mail: caiquepaiva@yahoo.com.br.

² O referido filósofo, de origem belga, viveu de 1921 a 2007, sendo um dos maiores expoentes da Universidade Católica de Louvain. Dentre as várias temáticas de sua reflexão e produção filosóficas, destaca-se, sem dúvida, a questão da relação entre a fé e a razão.

serão tomadas especialmente duas das obras em que tal temática é amplamente discutida, a saber: “A articulação do sentido”³ e a “A fé cristã e o destino da razão”⁴.

A reflexão aqui empreendida buscará responder às seguintes questões: como Ladrière entende a linguagem? Qual é o diferencial da palavra da fé? Em que consiste uma linguagem da fé? Quais são os desafios que se apresentam a esse tipo de linguagem? Espera-se que tal percurso possa favorecer o debate sempre pertinente acerca da linguagem e suas implicações, particularmente no campo da fé.

1. A linguagem para Ladrière

Jean Ladrière pensa a linguagem partindo do pressuposto de que ela é algo que pertence à constituição do ser humano. Segundo ele, para a filosofia, a questão fundamental acerca da linguagem humana é a da significância. Esta consiste no processo pelo qual os signos linguísticos podem se encher de significação. O signo dá suporte à significação. As significações são entidades ideais, sob uma forma concreta de representação. “A linguagem apresenta-se como uma dimensão da coexistência que é feita de troca das significações por meio de suportes materiais, o suporte primordial sendo o dos sinais de caráter vocal trocados entre os membros da comunidade humana” (LADRIÈRE, 2008, p. 239).

Há um horizonte que engloba as significações particulares e do qual estas recebem sua força significante: o sentido. Na particularidade das significações, o sentido se manifesta. No âmbito do sentido, as significações são elaboradas. As significações se articulam como que numa rede. O extrapolar desta rede conduz como que a um sistema, englobante, com o estatuto de um horizonte. O horizonte quando visado por uma rede coerente e relativamente unificada de significações é um “mundo”. Este possui uma forma particular de linguagem na qual ele se pode dizer e por meio da qual ele pode ser apreendido. A significância de um sistema de signos é o que lhe permite ser inscrito no horizonte de sentido. A significância de

³ “A articulação do sentido” trata-se de uma obra na qual Ladrière discute as relações entre ciência, filosofia e fé. Aborda ainda a questão da linguagem e de seu significado, buscando apresentar os modos de significação específicos da ciência, da filosofia e da fé.

⁴ Esta obra de Jean Ladrière é formada de vários textos, artigos, conferências e comunicações sobre a temática da fé e da razão. É constituída de quatro partes: na primeira, “O universo da racionalidade”, trata do modo como a razão se apresenta no contexto hodierno; na segunda parte, “A fé cristã e o destino da razão”, o tema da racionalidade da fé é abordado de forma mais aprofundada bem como suas implicações no mundo e no cristianismo; “O destino da razão como inscrito no fato cristão. Três perspectivas: a ciência, a universidade católica, a civilização industrial” é a terceira parte; e, por fim, na quarta parte intitulada “No cruzamento da filosofia e da teologia”, Ladrière relaciona alguns conteúdos da fé e vida cristã com a reflexão filosófica.

uma linguagem particular é necessariamente uma especificação das condições gerais de significância, próprias a toda linguagem humana (cf. *Ibid.*, p. 240-241).

A linguagem, portanto, consiste num dispositivo formal que permite engendrar sequências de signos aos quais podem ser associadas significações, bem como num processo de troca de significações num contexto de comunicação⁵. A concepção que Ladrière tem da linguagem é marcada pela distinção entre língua e fala, empreendida por Saussure. Na perspectiva da língua, os locutores são abstraídos e a linguagem se trata de um sistema de regras que possibilita uma comunicação efetiva, minimizando mal-entendidos. Na perspectiva da fala, os locutores são introduzidos e a linguagem considera as circunstâncias concretas em que a língua é praticada⁶.

Outra influência na análise da linguagem de Ladrière é a teoria das forças ilocucionárias ou teoria dos atos de fala, de Austin. Esta teoria é desenvolvida como desdobramento de uma anterior: a teoria dos performativos. Segundo Austin, a linguagem não tem como função fundamental a descrição do mundo e sim a comunicação. Na comunicação, há essencialmente dois tipos de proferimentos: os constativos (ou constataivos) e os performativos. Os proferimentos constativos, a grosso modo, são afirmações ou constatações, passíveis de serem verdadeiras ou falsas. Os proferimentos performativos são aqueles que, para além de afirmar algo verdadeiro ou falso, expressam ações realizadas quando se diz algo, tais como pedidos, promessas, ordens, etc (Cf. COSTA, 2002, p. 43-46).

Já na teoria dos atos de fala, o locutor, quando enuncia algo, não apenas exprime puros objetos linguísticos, porém há um processo que o leva aos atos de enunciação e que precisa ser analisado. Austin chama de força ilocucionária uma dimensão da significação que difere do sentido e da referência, bem como do efeito produzido pela frase. Para ele, toda expressão linguística, enquanto ato, comporta três aspectos: o aspecto locucionário, ou seja, o que é dito tem um sentido e uma referência; o aspecto ilocucionário, a expressão tem uma força característica própria, podendo ser um enunciado, uma ordem, uma promessa, etc; e o aspecto perlocucionário, que consiste no efeito psicológico no ouvinte (Cf. LADRIÈRE, 1977, p. 91).

⁵ Aqui também é importante distinguir significante e significado: “Significante indica uma realidade como ela é denotada e estruturada pela linguagem, enquanto o significado indica o modo, sempre parcial e histórico, em que a língua falada atualiza o significante” (*Ibid.*, p. 42).

⁶ Em outras palavras, “a língua é sistema supra-individual de signos, graças aos quais os homens podem comunicar-se entre si: o sistema conforme as regras fixadas pela gramática e pela sintaxe de acordo com os significados gerais registrados no dicionário. Por outro lado, a fala é a forma concreta e individual assumida do sistema, conforme o uso de uma determinada pessoa, de acordo com os significados pessoais subjetivos, emotivos por ela desejados” (MONDIN, 2010, p. 41-42).

Pode se dar como exemplo a seguinte situação: Um pai diz ao filho pequeno - “Prometo lhe trazer um presente amanhã!” O ato locucionário está no dizer está frase, que tem seu nexos e sentido. O ato ilocucionário é o dessa expressão consistir numa promessa feita a uma criança, e isso tem um peso, uma força. O ato perlocucionário consiste na alegria e na expectativa que a criança sentiu só de ouvir essa promessa do pai, isto é, a fala produziu um efeito.

Num ato de fala, coincidem o processo de enunciação, ou seja, o processo para que se produza uma frase que é pronunciada, e o processo do enunciado, que é a efetuação do ato de fala, simplesmente pelo fato de se enunciar determinada frase. Ladrière também assimila a caracterização da linguagem como auto-implicativa, desenvolvida por Evans. Este acrescenta à performatividade da linguagem a auto-implicação do ser humano que, enunciando certas expressões, especialmente no âmbito da relação com Deus, envolve-se, em ato, com o que fala (Cf. *Ibid.*, p. 92). Por isso, todo ato de fala é auto-implicativo, e conseqüentemente levará o locutor a certas condutas e comprometimentos e a assumir certa responsabilidade.

Destarte, os atos de fala se inserem num horizonte de sentido, como condição de possibilidade última de toda significância. O horizonte de sentido é ainda a claridade na qual a existência se descobre a si mesma e ao mundo no qual se insere, bem como presença da própria existência a si mesma e à realidade como um todo. (cf. *Id.*, 2008, p. 253). Dito isso, pode-se refletir como Ladrière compreende a palavra da fé e a linguagem própria da mesma.

2. A palavra da fé

De acordo com Ladrière, a palavra, normalmente, tem como principal função expressar alguma realidade, no sentido de uma aproximação da verdade. No que diz respeito à experiência da fé, a palavra tem um papel para além deste: como revelação, livre manifestação de um desígnio de Deus sobre o mundo. Diante dessa palavra que é revelação, a resposta da fé é uma palavra compreendida, concomitantemente, como “aceitação do que é anunciado, esperança nas promessas contidas na mensagem e vontade de prestar-se à obra de Deus pela ratificação total de sua vontade” (*Id.*, 1977, p. 183).

Se por um lado o discurso do saber, ocupa-se da explicação da realidade, de modo reflexivo, universal, mas abstrato; por outro, a palavra da fé e da revelação insere-se no âmbito dos acontecimentos, tanto os do mistério da encarnação de Jesus Cristo como os da conversão e confissão de fé de um crente. Enquanto o discurso do saber, visa a compreender a

realidade, a palavra da revelação e da fé se caracteriza por uma atividade constituinte, faz existir uma nova realidade, por se tratar da proclamação da palavra de Deus. Ladrière explica que a palavra da revelação conduz a uma certa compreensão, refere-se à verdade, possui uma inteligibilidade, de modo que a própria fé se constitui, portanto, num saber específico. Desse modo, a palavra da fé é um anúncio, mas que se caracteriza pela realização efetiva do que proclama, uma palavra operante, no seu sentido radical e originário.

... a palavra da fé não é, nem uma tentativa de explicação da palavra revelante, nem um simples discurso histórico (ainda que esteja sempre historicamente situada), nem um simples discurso dialogal (embora tenha o caráter de uma resposta). É uma proclamação, como bem o mostra a afirmação da fé no “Credo”. E, neste sentido, assemelha-se à palavra revelante: como esta, faz existir o que diz, na ação mesma de dizê-lo (*Ibid.*, p. 185).

No discurso da proclamação da fé, relacionam-se fé e verdade. O conteúdo da fé se explica a partir do que é afirmado no “Credo”, enquanto a relação entre fé e verdade e o tipo de inteligibilidade desse discurso se compreendem pela essência da proclamação. Esta consiste em algo que envolve de modo total a existência do ser humano. Por ela, o crente assume, de modo antigo e sempre novo, a obra da salvação, unindo-se à vontade divina. “O essencial da fé está em que, ao pronunciar-se, ela nos abre ao mistério que proclama, do qual novamente assume então o anúncio original” (*Ibid.*, p. 186).

A palavra da fé por se tratar de uma operação não só da inteligência, mas também do coração, será sempre compreensão e incompreensão de si mesma e de seu objeto, donde vem a categoria de mistério. A relação da fé com a verdade é escatológica, plenamente atual e inteiramente por vir. Quando se proclama o “Credo”, o que ele anuncia é verdadeiramente realizado, ao passo que apenas anuncia o que já realiza. Se a palavra da fé pode ser assim compreendida, é possível se vislumbrar um sistema mais amplo, a saber, a própria linguagem da fé.

3. A linguagem da fé

A linguagem da fé, segundo Ladrière, tem em sua estrutura três características marcantes: é relativa a acontecimentos, implica em um compromisso e comporta uma referência escatológica. A linguagem da fé, mesmo que se aproxime da linguagem teórica, vai além desta devido ao seu caráter auto-implicativo, tanto no âmbito dos atos, pois o crente ao

afirmar a fé realiza um ato que envolve a ele próprio e modifica o seu ser, como no âmbito dos conteúdos, pois o que se afirma na linguagem da fé torna efetivo o que é dito.

Os acontecimentos de que fala a fé não são simplesmente momentos históricos, são sempre ativos, pois que se inserem num grande acontecimento que está se realizando. É este mesmo acontecimento que anima a palavra da fé e faz dela um acontecimento, tornando-a portanto operativa (*Ibid.*, p. 228).

Pela afirmação “Eu creio”, a linguagem da fé se torna linguagem de realização e implica um compromisso. O crente consente à obra da salvação que a palavra da fé proclama e esta obra se torna ativa nele.

A linguagem da fé abriga assim uma como que tensão interna: refere-se a uma realidade que reconhece através dos signos, da qual afirma a presença atuante, mas, por outro lado, representa-a como estando ainda por advir, como o termo não situável de um caminho que deve prosseguir um tempo indeterminado (*Ibid.*, p. 229).

A linguagem da fé por ser revelação é visível e oculta, plenamente atestada e ainda objeto de esperança. A linguagem da fé é uma linguagem performativa, mas também afirma proposições, primeiramente constativas, mas também existenciais. “A performatividade da linguagem da fé é a propriedade que ela possui, enquanto linguagem, de conferir efetividade a certas atitudes que caracterizam o homem que crê (aceitação, ratificação, confiança)” (*Ibid.*, p. 232). Tendo como mediação o compromisso por ela expresso, a linguagem da fé é capaz de fazer surgir a realidade que ela mesma evoca (Cf. *Ibid.*, p. 238). Contudo, a linguagem da fé também se apresenta como problemática, no sentido de que lança desafios à reflexão, como se verá a seguir.

4. Os desafios da linguagem da fé

Ladrière considera que não há para a linguagem da fé uma definição clara e unívoca. Analisá-la, pois, torna-se problemático, posto que consistirá numa tarefa sem fim. Se a linguagem da análise é a da discursividade, a linguagem da fé é a da presença.

A linguagem religiosa cristã, como linguagem da fé, tratando-se da fé cristã, apresenta ainda como problema o fato de considerar uma realidade invisível e que não é comum a todas as linguagens religiosas. Tal realidade é histórica, mas sem se reduzir a aspectos empiricamente constatáveis dos acontecimentos históricos, o que dificulta sua expressão pela própria linguagem.

Da mesma forma é complexa a comunicabilidade de uma experiência espiritual. O recurso à analogia só é possível com os que tiveram a mesma iluminação. Diante de quem não possui uma mesma visão intuitiva da realidade ou nenhuma intuição espiritual, emerge o desafio de elaborar uma linguagem que seja apropriada e inteligível a todos os interlocutores.

Quando, porém, a realidade invisível se manifesta por sinais visíveis, o desafio será o de interpretar tais sinais, de que modo que sinal e linguagem se apoiem mutuamente. Isso também é possível porque “a linguagem do invisível mostra-se capaz de fornecer por si mesma a condição de acessibilidade à realidade de que ela fala, que deve dar a chave de seu poder significante e, correlativamente, de sua compreensão” (LADRIÈRE, 2008, p. 259).

Diante de tais desafios, a linguagem da fé necessitará tomar consciência da especificidade dessa linguagem, bem como do significado próprio da fé, ao menos como a percebe o próprio Ladrière. Assim, a linguagem da fé como linguagem religiosa cristã remete a uma linguagem primeira como que fundadora: o querigma, a Boa Nova, palavra anunciada e acessível através dos textos sagrados, e que está proposta ao assentimento da fé.

A fé é então compreendida como um dom de Deus, uma graça, que capacita o espírito para conciliar-se com a realidade que o querigma anuncia. Pela fé, inteligência e coração são mobilizados e ordenados a um *telos* que é a adesão ao conteúdo da palavra querigmática.

...ao visar o horizonte de compreensão que é a realidade da dinâmica da salvação em Jesus Cristo, a linguagem da fé torna os predicados fornecidos pela linguagem comum capazes de ter uma nova significância; ao mesmo tempo, ao articular, graças a esses predicados, todo conteúdo significante anunciado pela expressão ‘a salvação em Jesus Cristo’, ela torna efetivamente acessível, em sua realidade, o ‘mundo da fé’, como horizonte em relação ao qual se determina sua significância própria (*Ibid.*, p. 261).

A fé⁷ só pode ser um meio de compreensão na medida em que é reconhecimento da realidade que ela dá a compreender e engajamento na dinâmica que ela revela. O ato próprio da fé faz compreender, ao aderir ao que ele compreende. A fé é um dom e, como dom, um convite ao crente para que, na sua liberdade, possa ratificá-la. Para se acolher o dom é necessária não só uma alma receptiva, mas também disponível ao reconhecimento da realidade que a fé fará descobrir. O dom torna a alma disponível, em primeiro lugar, permitindo-lhe o acesso ao campo de referência da linguagem da fé e, em segundo lugar, com a proposição do conteúdo que convoca o engajamento do ato de fé.

⁷ Para uma reflexão interessante sobre em que consiste a fé, vale consultar o artigo: MAC DOWELL, João A. **A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade**. In: Síntese – Revista de Filosofia, v. 40, n. 128 (2013): p. 427-456.

Considerações finais

Por fim, tendo-se percorrido com Ladrière esse caminho, passando da linguagem à linguagem da fé, fica claro que o anúncio da fé apresenta-se como o que pode dar sua efetividade ao querer da realização autêntica do ser humano. A fé envolve a esperança: ela faz esperar um *éskhaton*, que seria a vinda à efetividade daquilo que o *télos* da existência é como que a espera no virtual. E é somente pelo engajamento assumido, no abandono da aceitação, que a fé permite à sua linguagem própria realizar a transmutação do sentido graças à qual ela se torna verdadeiramente reveladora. Quanto mais ela se aprofunda, mais o sentido se torna manifesto, mais se fortalece o que ela traz dentro dela, mais se confirma e se amplifica seu poder revelador.

Diante disso, se se compreende a fé como um caminho que possibilita à pessoa encontrar o sentido último de sua existência, uma linguagem da fé será sempre essencial e até indispensável. Ela ainda poderá se tornar como que um elemento rico e precioso capaz de conduzir o ser humano para, além de enunciar ou comunicar o que crê, viver e praticar o que anuncia pela palavra e pelo discurso da fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Cláudio. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Filosofia passo-a-passo)

LADRIÈRE, Jean. **A articulação do sentido**. São Paulo: EPU e EDUSP, 1977.

_____. **A fé cristã e o destino da razão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. (Coleção Ideias)

MAC DOWELL, João A. **A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade**. Síntese – Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 40, n. 128, p. 427-456, set-dez 2013.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia**. 18. ed. São Paulo: Paulus, 2010.